

**Saúde** | A medicina interna tem sido considerada muito cara por tratar os doentes mais velhos

# Reforço da medicina interna pode poupar 32 milhões ao SNS

A medicina interna, autonomizada como especialidade há 125 anos, tem sido associada a maiores custos para as unidades hospitalares.

Principalmente por tratar doentes mais velhos e com maiores complicações de saúde. O economista Pedro Pita Barros realizou um estudo em que

conclui que o aumento do número de médicos internistas levará a uma poupança de dezenas de milhões de euros ao Serviço Nacional de Saúde.

Carlos Caldeira

O reforço dos médicos internistas nos hospitais, mantendo o mesmo número de médicos, poderá poupar anualmente 32 milhões de euros ao Serviço Nacional de Saúde (SNS). Esta é umas das principais conclusões do estudo realizado por Pedro Pita Barros, professor da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, apresentando na passada quarta-feira no 6º Congresso Europeu de Medicina Interna, em Lisboa.

Segundo o estudo "Serviços de Medicina Interna: Ineficiência ou comparação "injusta"?", a que o "Semnário Económico" teve acesso, os médicos de medicina interna – ao contrário das outras especialidades – não concentram a sua actividade e conhecimento num grupo de órgãos ou patologia restrito. Pelo contrário, por terem uma formação mais abrangente e pluridisciplinar tratam, no dia-a-dia, não só de casos mais complexos e variados do que qualquer outro tipo de serviço médico, mas também dos mais terminais e severos. "Por esse motivo são comumente associados a um maior consumo de recursos (mais exames complementares e tratamentos mais complexos) por paciente tratado". Foi esta ideia que Pedro Pita Barros demonstrou estar errada, apesar de as unidades hospitalares contarem com cada vez menos médicos internistas, através da avaliação das consequências de substituir 1% dos médicos de especialidades diversas por clínicos de medicina interna.

Faustino Ferreira, presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna



**l Pedro Pita Barros defende um maior peso da medicina interna nos hospitais l**

(SPMI) e coordenador do congresso, disse em declarações à Lusa que a medicina interna "tem doentes muito velhos e mais complicados e por isso é considerado um serviço muito dispendioso. O estudo quis saber quais as diferenças se esses mesmos doentes fossem tratados noutros serviços e tudo aponta que se conseguiria uma poupança enorme, com o mesmo número de

médicos". Habitualmente, a medicina interna é responsável por cerca de 20% dos internamentos, recordou Faustino Ferreira.

**Hospitais centrais são os que mais ganham.** Nas conclusões do estudo pode ler-se que da análise feita "a nível agregado, os médicos de medicina interna não estão associados com custos adicionais para os hospitais.

"Os hospitais centrais, distritais e com ensino universitário são os que têm mais a ganhar"

Como tal seria vantajoso, dada a sua função de *gatekeeper*, desenvolver o seu papel dentro destas instituições". E adianta que há hospitais que "nitidamente beneficiariam mais com a substituição de um médico especialista por outro de medicina interna", embora o grau de complexidade do hospital não influa nesse benefício. Em termos de poupança por doente saído, "os hospitais centrais, distritais e com ensino universitário são os que têm mais a ganhar, relativamente aos restantes".

O estudo revela ainda que em alguns hospitais "menos dias de internamento ocorrem no serviço da especialidade, noutros nos serviços de medicina interna". Mas salienta que a mortalidade nestes Grupos de Diagnósticos Homogéneos (GDH) "não é suficientemente expressiva para se conseguir distinguir resultados". Adianta-se que foram usados outros dois GDH que permitem comparação com gastroenterologia e com nefrologia, "não se encontrando diferenças sistemáticas e significativas entre serviços de medicina interna e outros serviços de especialidade".

"O 6º Congresso Europeu de Medicina Interna vai reunir mais de 1.700 profissionais de 50 países"